

22-09-2020

## POR UMA CULTURA DE NÃO VIOLÊNCIA DURANTE E APÓS A PANDEMIA

**Dimitri Taurino Guedes**

[Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi.

Núcleo de Pesquisas em Saúde, Ambiente e Trabalho]

Invisibilizada devido a prevalências menores quando comparadas às pessoas em idades mais jovens, ou devido à notória subnotificação, mas sobretudo devido ao preconceito que permeia a realidade de vida das pessoas idosas em nossa sociedade, a violência contra a pessoa idosa é um fenômeno que vai muito além do pouco que tomamos conhecimento por meio da mídia em geral.

Para além das visíveis marcas deixadas pelas agressões físicas traduzidas em hematomas e outros sinais de trauma, a violência é um fenômeno mais amplo e complexo do que a maioria das pessoas crê. Definida pela OMS como “uso intencional de força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação”, seu conceito nos permite ter uma melhor noção dessa amplitude e complexidade. Podemos, a partir desse conceito, começar a perceber como banalizamos várias situações de violência que nos escapam aos olhos. Tantos gritos, negligências e privações têm deixado de ser captados pelos sistemas de informação, assim como pela sociedade em geral.

Dentre os mais diversos tipos de violência que nossa sociedade tem praticado, a violência doméstica ganha uma dimensão ainda mais profunda e complexa, pois envolve uma pretensa relação de afetividade, familiaridade ou coabitação. Quando esse ato ocorre com pessoas idosas, essa complexidade se aprofunda ainda mais.

Embora não tenham o devido espaço de discussão, ficando na maior parte das vezes restrito aos espaços das discussões acadêmicas ou dos grupos que lutam aguerridamente contra essa situação, não é incomum identificarem-se casos de situações de negligência, de violência psicológica e da violência financeira ao andarmos pelos territórios. De maneira mais clara, estamos falando aqui dos casos de falta de cuidado e de atenção; das pressões psicológicas, gritos e insultos; e da retenção de cartão de aposentadoria ou de empréstimos consignados forçados praticados contra as pessoas idosas. Pesquisas sobre a temática apresentam prevalências que variam de 12,4% e 20,8% no Brasil.

Dois terços do total de violência contra idosos acontece em seus lares, sendo praticados por filhas(os), noras ou genros e companheiras(os).

Como dito anteriormente, é um assunto complexo e não é pretensão desse texto percorrer esse caminho. Mas minimamente, precisamos colocar que muitos desses casos trazem na sua bagagem situações de arranjos multifamiliares e intergeracionais em contexto de desigualdades e iniquidades, que propiciam conflitos que se estendem pelo histórico de vida dessas famílias.

Diante do exposto e principalmente da situação que vivemos atualmente, tenho me perguntado: como estão essas pessoas? De que forma o isolamento tem interferido em suas vidas e em possíveis históricos de relações violentas? De que forma o aumento nas taxas de desocupação podem agravar esses conflitos? O que temos feito para além do covid-19? Dados provenientes do Disque 100 apontam que houve um aumento em aproximadamente cinco vezes no número de denúncias de violência contra as pessoas idosas entre março e maio desse ano. Os motivos que levam a essas agressões têm as mesmas causas, potencializadas pela necessidade do isolamento, pelo aumento das adversidades econômicas e pela insuficiência de políticas públicas e ações efetivas que tratem do problema. Em artigo publicado no site da ABRASCO, Adalgisa Peixoto Ribeiro, Claudia Leite de Moraes, Edinilsa Ramos de Sousa e Karla Giacomini apontam caminhos e ações em níveis individual, comunitário e do poder público para o enfrentamento da violência contra a pessoa idosa. Mas, mesmo diante dos caminhos apontados, o que temos feito de fato de forma individual e como sociedade? O Estado tem cumprido seu papel?

Encerro por aqui com uma frase de Cecília Minayo no seminário “Enfrentamento à Violência contra a pessoa idosa: das ações às omissões” ocorrido em junho de 2019, portanto antes da pandemia:

“A grande novidade na sociedade brasileira hoje é o envelhecimento, esta é a maior novidade que se tem, porque todas as outras questões continuam, mas o envelhecimento tende a progredir. Falaram sobre 80 anos, mas do ponto de vista da saúde se projeta, no mínimo, 120 anos para as pessoas, no futuro. Cumprimento a todos nós, a nossa classe e aos jovens que estão conosco por esse bônus que a vida está nos dando. Devemos aproveitar ao máximo essa grandeza e que a gente ainda possa viver muitos anos ativos para o bem da nossa família, nosso próprio e da sociedade”

Não permitamos transformar um “bônus que a vida está nos dando” em sofrimento e dor para as atuais e futuras pessoas idosas de nossa sociedade! ■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*